

IGREJA: RESPONSABILIDADE RELIGIOSA E SOCIAL NA INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Genilda Alves Nascimento Melo¹
Célia Jesus dos Santos Silva²
Andreia Quinto dos Santos³
Carlos Alexandre Lima Reis⁴
Silvana Ramos da Silva⁵

RESUMO

O propósito desta pesquisa é discutir motivos pelos quais a Igreja Evangélica atual não acolhe pessoas com deficiência em seus templos, já que esta vem de um momento histórico ímpar, acolhedor, em que bens, serviços e relações humanas eram comuns a todos. Os membros desta comunidade respeitavam – se, mas, com o passar do tempo, perderam a dimensão do olhar para o outro, esquecendo – se que todos são iguais diante de Deus. Adriano Pauli (2010) questiona o porquê dessa perda; IBGE (2010) aponta um número alarmante de pessoas com deficiência no Brasil; Israel Ferreira (2005) mostra ser a Igreja o lugar principal de acolhimento para essas pessoas; Thiago Helton (2014) denuncia a falta de acessibilidade; Luís Stadelmann (2006) traz a memória o modelo deixado por Jesus, que era trazer à integração os indivíduos ao grupo social, após a cura de qualquer mal. Iára Muller (1989) orienta como se relacionar com os deficientes na Igreja; Thiago Brazil (2018) traz o exemplo inclusivo do apóstolo Paulo. Feitosa et al (2015) observa que a formação dos profissionais deve desencadear atitudes inclusivas; Carvalho (2016) aconselha que os profissionais utilizem atividades coerentes. O Método é qualitativo - o respeito aos direitos e a dialogicidade estão presentes. Os resultados apontam que a Igreja atual precisa tomar medidas que criem ambiente físico inclusivo, para deficientes terem acesso à comunidade cristã; ter um serviço atrativo, que proporcione satisfação a todas as pessoas; treine profissionais para assistirem o culto e o ensino na Igreja, atuando com e para pessoas deficientes.

Palavras – chave: Pessoa deficiente, Ambiente acessível, Igreja inclusiva.

1. INTRODUÇÃO

O Cristianismo tornou – se uma religião, que cresceu vertiginosamente, sob a égide do serviço cristão. Todos viviam juntos com alegria e simplicidade. Isto fazia com que a sociedade reconhecesse a união deles. Um romano por nome Celso (século II) não gostava dos cristãos. Um dia exclamou: “como se amam esses cristãos”. Entretanto, no século XXI,

¹ Mestre em Supervisão e Formação de Formadores – Instituto Superior de Ciências Educativas: ISCE-Ramada – PORT; autor principal – genilda2010@gmail.com.

² Mestre em Letras - Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC-Ilhéus – BR; coautora - celiaflorzinha@gmail.com.

³ Mestre em Educação Científica e Formação de Professores - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – V. Conquista-BA-BR; coautora - andreia.quinto@hotmail.com.

⁴ Graduado em Ciências Sociais- Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus – BR; Professor do Instituto Teológico da Assembleia de Deus – Itabuna-BA-BR; coautor - reis.carlosalexandrelima@gmail.com.

⁵ Especialista em Psicopedagogia – Faculdades Integradas de Amparo – São Paulo – BR; Especialista em Educação Especial e Inclusiva – Faculdade Internacional de Curitiba – PR – BR; coautora – sramoss@uol.com.br.

um dos grandes desafios da Igreja é atingir evangelisticamente grupos que há muito estão na invisibilidade. Um desses é o grupo das pessoas com deficiência. Por que a Igreja, que tem como estatuto basilar o amor ao próximo, hoje se encontra insensível à causa da inclusão das pessoas com deficiência, mesmo conhecendo o impacto do alcance dessas pessoas para salvação delas?

O princípio fundante da Igreja é o amor. Ela foi erguida sob a vocação de servir ao próximo. O grande modelo foi esculpido no Mestre do amor: Jesus Cristo. Os discípulos desse mestre deram testemunho e recomendaram. O apóstolo João adverte que aquele que não ama não conhece a Deus. O apóstolo Paulo entendia que o amor era semelhante uma veste que representava o grupo e dizia que se revestisse de amor, pois este é o vínculo da perfeição.

Entretanto, a Igreja do século XXI caminha em direção oposta a um dos princípios básicos da Fé Cristã: acolher, que nessa geração, um dos grandes desafios para ela é atrair as pessoas com deficiência e criar condições necessárias para permanência delas no rol da membresia. Se o modelo é Cristo, o amor deixa de ser apenas um sentimento e passa representar uma ação. Ele incluiu em seu grupo de apóstolos pessoas de diversas classes sociais, situações econômicas diferentes; status acadêmico variado, como também acolheu pessoas sem nenhuma relevância. Ele conviveu com pessoas consideradas impuras; deu a mão a escória social; curou os doentes; já que “os são não precisam de médico”⁶;

Discutir a inclusão de pessoas com deficiência na Igreja é um assunto emergente: evitar o isolamento, a marginalização e promover a interação entre os crentes e essas pessoas; a falta de acolhimento trará a repulsa dessas pessoas pela Igreja, conseqüentemente não mais voltarão; é preciso pensar que muitas pessoas com deficiência mantêm o seu quadro neural e habilidade social íntegras, tornando-as aptas a funções específicas; a integração da pessoa com deficiência no quadro funcional da Igreja dará àquela o elvivo da autoestima.

Portanto, além de todas essas coisas, a Igreja estará cumprindo um mandamento: “amar o próximo como a si mesmo”⁷; como ainda, estará a desempenhar o Ide da Grande Comissão: “fazer discípulos de todas as nações, batizar e ensinar” Por que a Igreja, que tem como estatuto basilar o amor ao próximo, hoje se encontra insensível à causa da inclusão das pessoas com deficiência, mesmo conhecendo o impacto do alcance dessas pessoas para a vida eterna delas?

Esse questionamento possibilita uma reflexão sobre a cultura discriminatória secular que tem também atingido a Igreja, o que não permite ver o outro como irmão; além disso, a

⁶ Conf. Evangelho segundo Marcos (2.17)

⁷ Segundo o Evangelista Marcos (12.33)

falência do serviço cristão nos tempos atuais tem inviabilizado o trabalho diaconal de apoio ao atendimento de pessoas com deficiência na Igreja; ademais, a estrutura física dos templos não tem acessibilidade, dificultando a chegada, acomodação e saída de pessoas com deficiência; bem como, a falta de apoio pedagógico especializado para intermediação no culto. Diante disso, é preciso de medidas interventivas, em caráter de urgência, para restabelecer princípios basilares, de modo que se alcancem os objetivos iniciais dessa comunidade: o paradigma do amor como ação e não apenas como sentimento.

2. METODOLOGIA

A fundamentação metodológica da pesquisa foi baseada nas ideias de alguns autores que serviram para dar maior clareza na investigação dos fatos. De caráter qualitativo, permite o respeito e a dialogicidade entre os atores. Edgar Morin (2003) mostra o homem como um ser complexo e deve ser avaliado nos aspectos econômicos, políticos, sociológicos, psicológicos, afetivo e mitológico. Contudo, combinado a uma inteligência artificial, a tecnologia, impulsionado pelo novo espírito científico, agregou – se as ciências cognitivas.

Marie – Fabienne Fortin (2010) mostra que pesquisa é uma maneira de documentar a origem das novas ideias e serve para enriquecer, justificar a investigação. Ela confere a capacidade de examinar fenômenos, como objetivo de encontrar respostas, aos fatos investigados. Já Maria Minayo (2010) pensa ser a pesquisa um viés do pensamento e da prática para aproximar-se a realidade, pois é um processo dinâmico, subjetivo em que se envolvem crenças, valores, ideologias e teorias. Laurence Bardin (2011) argumenta que a importância dessa pesquisa é trazer informações com certa frequência, ao mesmo tempo em que surgem características de conteúdo.

O meio de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, um dos instrumentos, mais comuns, contudo célere, para de aquisição de informações, além de não precisar de aperfeiçoamento de pessoal, como assegura a descrição. Fortin (2010) diz ser muito útil este instrumento, quando o investigador precisa explorar sentimentos e percepções dos sujeitos, com informações sigilosas, as pessoas investigadas ficam à vontade.

Dessa forma, a investigadora selecionou o corpus de pesquisa dentro da própria Igreja Evangélica Assembleia de Deus, com a intenção de conhecer o pensamento dos cristãos, a respeito da inclusão de pessoas com deficiência nessa comunidade. Onze pessoas foram entrevistadas. O tempo que professavam a fé cristã declararam ser acima de onze anos; tempo de frequência na Escola Bíblica também informado acima de onze anos.

Aspectos discursivos em que as pessoas se posicionaram versaram sobre se conhecia alguém com deficiência na Igreja; concordância ou discordância em ter pessoas com deficiência na Igreja; apontar possíveis causas da ausência de pessoas com deficiência na Igreja; indicar possíveis causas da indiferença dos cristãos com os deficientes; indicar algumas ações que atrairiam o cristão à causa inclusiva.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 Igreja: responsabilidade religiosa e social na inclusão

A Igreja de Cristo nasceu sob a prática do amor, era a marca distintiva dos cristãos do primeiro século. Os cristãos da época dos apóstolos viveram uma experiência com base nos ensinamentos do Cristo: a aceitação do outro, a partilha dos bens, o comer junto, na distribuição dos serviços. Essas atitudes chamaram a atenção de outras pessoas, que compreendiam o verdadeiro sentido de ser seguidor de Cristo. Pela primeira vez, em Antioquia, os discípulos foram chamados de cristãos. (NT. At 11.16)

As primeiras comunidades que deram origem à Igreja, no que se pensa hoje, surgiram sobre quatro pilares: o social – comunhão entre os crentes; forma diferente de orar nas casas e no templo; tinham os mesmos direitos, um respeitava o outro em sua simplicidade; até mesmo pessoas da alta sociedade da época se equiparavam ao simples pescador (NT. At 12.13; 17.4); a partilha era igualitária (NT. At 18.26); todos tinham um só objetivo. Exemplo visto na prisão do apóstolo Pedro: todos oravam pela liberdade dele (NT. At 12.5-11); no caso da perseguição ao apóstolo Paulo, ele é ajudado algumas vezes (NT. At 9.23 – 25; 14.20; 23.16).

Outro pilar de sustentação das comunidades do primeiro século foi o suporte econômico – não havia mendigos ou necessitados naquele grupo. Todos dividiam os bens, de forma que atendia a carência de cada um. O viver em uma vida espiritual, com base nos ditos de Jesus, elevava a consciência de não existir a barreira das diferenças. O pilar seguinte é o religioso – a cristandade vivia unida e orava com a mesma fé, tinha comunhão com Deus – *κοινωνία*. Esta palavra tem um sentido múltiplo, que representa o comportamento íntegro das ações dos crentes daquela época: companheirismo, participação, compartilhamento. O escritor do livro de Atos dos Apóstolos diz que era uma só alma (NT. At 4.24). A Igreja trabalhava em função do bem maior: evangelizar, ensinar a Palavra de Deus e assistir os necessitados. O compromisso político é o último pilar, mas não de uma política partidária, mas um conceito diferente de sociedade: trânsito de verdades espirituais - a fidelidade (NT. At 5.1); liderança,

não chefia (NT. At 11.23), que estimulavam os outros a participarem, o sentido da corresponsabilidade.

Entretanto, com o crescimento, essa visão do Projeto Original dado por Deus foi se ofuscando, Igreja perdeu os princípios básicos da fé. Hoje, uma das grandes dificuldades sociais é um pobre encontrar grande aceitação nas comunidades cristãs. O que dirão os deficientes? Adriano Pauli (2010) questiona como a Igreja pode perder esse perfil?! Para ele,

A religião cristã já teve funções mais nobres no passado. Ela edificou os fundamentos éticos e morais da civilização ocidental, sob a qual vivemos, impregnou e deu o seu retoque a diversas instituições hoje consolidadas. Ela moldou os costumes e exterminou diversas práticas do mudo pagão, hoje consideradas incabíveis em um mundo civilizado. Antes do Estado a Igreja fundou escolas, asilos e hospitais. (PAULI, 2010, p.74)

Em pleno século XXI, Era das liberdades, dos direitos humanos, do respeito às individualidades; momento de busca da igualdade dentro das diferenças; Acordos, Convenções e Estatutos são criados para aproximar os seres humanos uns dos outros. No entanto, A Igreja tem virado o rosto para os deficientes, não tem estendido a mão, como na Igreja dos Apóstolos.

Matéria jornalística (2014), que causou grande indignação social, foi de uma pastora colombiana, onde ela defende que deficientes não podem pregar a Palavra de Deus, nem dirigir cultos, devido à consciência. Tomou como base versículos do Livro de Levítico (21.16-24). Em prelação (2017), o pastor Adão, um cego, conta uma experiência humilhante, quando é proibido de pregar em determinada Igreja, por ser deficiente. Que dirá, pois, do amor ao próximo e do direito a igualdade social?! Mas, além dos problemas de discriminação que o deficiente enfrenta, os templos evangélicos atuais, em suas “magníficas”⁸ construções, são grandes obstáculos para inserção do deficiente na comunidade cristã.

2.2 Acessibilidade – a Igreja quebrando barreiras arquitetônica

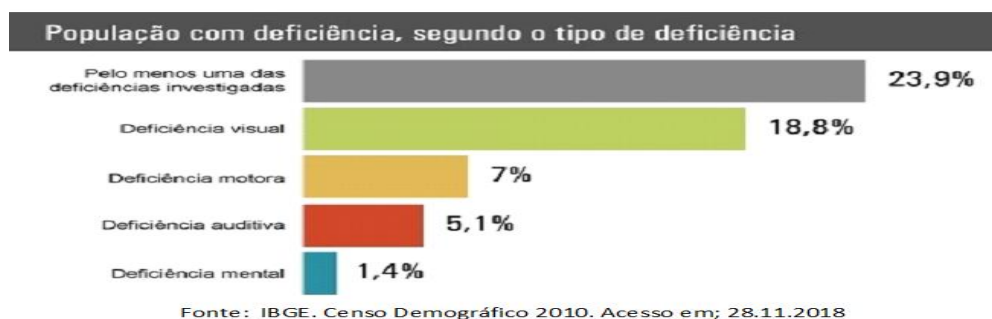
A Convenção Brasileira de Pessoas com Deficiência (2012) reconhece que não é a limitação da pessoa que define a deficiência, mas os obstáculos nos lugares de circulação da pessoa deficiente: no espaço, no transporte, na comunicação, nas informações, como ainda nos serviços. O Censo Demográfico Brasileiro de 2010 apontou um número alarmante de deficientes, mais de quarenta e seis mil pessoas declararam ter alguma deficiência, o que representa quase vinte e quatro por cento da população.

⁸ Diz – se da ostentação, que foge ao princípio da simplicidade cristã.

Quando se observa o fato por região, é mais preocupante, pois que, a representação das pessoas com problemas de saúde e com alguma limitação está mais concentrada na região Nordeste, extrapola às demais localidades. Agora mais de vinte e seis por cento das pessoas do Nordeste têm alguma deficiência. Nisto, recebe uma responsabilidade maior: precisa estar atenta, quanto às novas construções, para contemplar esse número considerável de pessoas, que podem de alguma maneira estar, com o direito de ir e vir cerceado. O mais grave, são vidas que poderão se perder por não ouvir a Palavra de Deus.

No olhar mais aproximado, vê-se sete por cento da população brasileira tem deficiência motora. Transformados em números, chega a mais de três milhões de pessoas, que possuem dificuldade de acesso aos templos evangélicos; já que em maioria, as Igrejas brasileiras não têm a dinâmica de acessibilidade, pois as construções são antigas, resultado de um momento histórico desfavorável ao indivíduo com alguma limitação.

Figura 6 - Representação das pessoas com deficiência física motora no Brasil, conforme o Censo Demográfico de 2010.



3.2 Consciência social e amor ao próximo rompem barreiras de relacionamentos

A Igreja é chamada, pelo pastor Israel Alves Ferreira (2005), de lugar de soluções. Assim, além da obrigatoriedade de seguir a normativa legal, tem o compromisso político, social e acima de tudo, cumprir como legitimidade, a ordem do Mestre: fazer discípulos de todas as nações. O mundo das pessoas com deficiência precisa ser alcançado pela Igreja. Mas como, se há restrição de acesso?! Até mesmo quem se aproxima tem dificuldade em ser recebido! E o acolhimento, marca da Igreja dos primeiros cristãos, como está sendo realizado pelo povo de Deus neste século?!

O grupo social das pessoas com deficiência precisa encontrar solução em Cristo, e, a ponte para esse encontro é a Igreja. Portanto, ela deve estar receptiva, tanto em seus aspectos humanos de relacionamento, quanto na estrutura física: com rampas em dimensões e inclinação apropriadas; portas com medidas padronizadas; pisos diferenciados; iluminação

pertinente e sanitária adaptada; espaços internos que permitam a mobilidade de cadeirantes; mobiliários que dê conforto a qualquer indivíduo com alguma limitação.

Muitos templos são construídos em segundo pavimento, com escadarias estreitas. Nesses casos, é aconselhável que se instale plataformas, já que tem um custo mais reduzido do que a reforma do espaço físico, quando se permite; ou ainda uso de elevadores com porte compatível a necessidade.

Figura 10 - Exemplo de construção de templo sem acessibilidade. Este, tem acesso até a metade. Foto tirada do comentário de Thiago Helton (2014), cadeirante que foi a um culto ecumênico.



Fonte: Google imagens

Acesso em: 30.11.18

A Igreja precisa ser o modelo. Como agência do Reino de Deus, deve cuidar da aproximação das pessoas para ouvir e praticar a Palavra de Deus, removendo as barreiras arquitetônicas, permitindo que as pessoas frequentem os cultos. A acessibilidade precisa primeiro estar no coração e na mente dos pastores. Assim, a transitabilidade chegará aos ambientes físicos.

3.3 Trabalho diaconal - a Igreja quebrando barreiras da indiferença

Na história da humanidade, sempre se encontra relatos da dificuldade, que as pessoas com qualquer limitação enfrentavam, dentro e fora do seu grupo social. A pessoa com deficiência sempre foi considerada como peso, uma carga a mais; já que a sobrevivência era mais pesada, o ambiente em que se vivia era mais hostil e dependia da força de cada um para somar ao grupo e vencer as dificuldades. Portanto, muito eram deixados para trás, quando não, ao nascer já era desprezado ou tinha a vida interrompida.

Quando se debruça a analisar os fatos bíblicos, percebe - se que Deus fez Aliança de fé com um povo – descendentes de Abraão (AT. Gn 12), isto trouxe valores exclusivos, mesmo que diante da mistura com outras culturas, com base no viver humano respeitoso para com todos os outros. No Antigo Testamento o vínculo era firmado pelo Pacto da Salvação (soteriologia), fator sociológico definido, valorizando o indivíduo dentro a comunidade. Em o Novo Testamento, a continuidade é dada pelo vínculo da cristologia.

Muitos séculos depois, na época de Jesus, ainda se tinha a ideia de maldição das pessoas com deficiência. Neste período, os judeus pensavam que as pessoas nasciam com deficiência porque eram castigadas por Deus. Achavam que as “deformidades”⁹ eram resultado de castigo, maldição ou pecado dos pais. Um registro que merece destaque, neste aspecto, é o momento que Jesus encontra com um cego de nascença e os discípulos perguntam quem pecou para que aquela pessoa nascesse cega! (NT. Jo 9.2,3) Jesus responde aos discípulos, mostrando a onisciência de Deus: aquele cego seria instrumento para revelar a glória de Deus em seu filho Jesus.

O mistério de Jesus foi gasto muito tempo em libertar pessoas cativas por espíritos maus, curar diversos tipos de doenças físicas e da alma. O próprio Jesus tinha a preocupação de incluir muitas dessas pessoas em seu convívio diário, como é o exemplo Maria Madalena (NT. Mc 15.40), Luís Stadelmann (2006) diz que, quando Jesus curava os doentes e expulsava os espíritos das pessoas, não era a luta do bem contra o mal; Deus X Diabo, já que o reino das trevas não está em pé de igualdade com império divino; mas uma maneira de mostrar, à classe elitizada da época, a importância do indivíduo como criatura de Deus. Portanto, o próprio Jesus lhes devolvia a dignidade e a integração em seu grupo social.

3.4 Tratamento da Igreja atual dado às pessoas com alguma limitação

No caminhar do tempo, a Igreja se perdeu nos emaranhados de diversas culturas e esqueceu – se do elemento fundante das primeiras comunidades: o amor, com que Jesus amou a todos e demonstrou na prática – aliviava a dor, curando, libertando, para maior conforto, material e espiritual. A Comunidade Cristã atual não continuou os ensinamentos e os exemplos dados por Cristo; paradoxalmente, um dos maiores desafios da inclusão de pessoas com deficiência na Igreja é o serviço prestado a este grupo social; a maneira com as pessoas, e, principalmente os obreiros, (corpo diaconal) da Igreja recebem e tratam essas pessoas.

A indiferença é uma das armas usadas contra o deficiente, pelo corpo diaconal da Igreja – não se aproximam, não perguntam se precisa de ajuda, não encontram a melhor posição para que a pessoa fique bem acomodada. Um exemplo, foi presenciado pela autora num culto à noite: no fundo da Igreja estava um cadeirante, um senhor de média idade; quando poderia ter sido levada a cadeira dele para um espaço mais à frente, perto do púlpito, como atitude de respeito e apoio. Quando se olha, para a cena é como se a pessoa estivesse abandonada, isolada das outras.

⁹ Sentido de fora do padrão costumeiro.

É preciso voltar e reler o que a Bíblia mostra sobre o relacionamento de Jesus com as pessoas doentes e deficientes: ele poderia apenas curar, libertar e sair, já que uma grande multidão o seguia, muitas pessoas esperançosas queriam que Jesus resolvesse também o seu problema; mas ele parava, olhava para as pessoas, dirigia a palavra a elas.

3.5 Como se relacionar com as pessoas com deficiência

Iára Müller (1989) conta sua experiência de vida, como uma pessoa deficiente, mostra o drama diário de uma pessoa com limitações. A começar pela imagem que essas pessoas têm de si, provocada pela forma como as demais pessoas dizem algo, tratam, olham. Há uma discriminação e exclusão generalizadas. Conta a autora que, em um seminário, onde se defendia os grupos minoritários, foram apresentados a representação de vários grupos, como mulheres, bóias - frias, índios, sem - terras, menores abandonados, favelados, pequenos agricultores; mas em momento algum falou sobre o deficiente, entretanto Iára estava lá, representando um grupo extremamente sofrido, relegado a invisibilidade social.

Outro aspecto de grande importância na vivência com pessoas deficientes é a linguagem usada. Antes de tudo, é preciso observar que há diferença entre as lesões. Os problemas de ordem visual, auditivo ou físico – esquelética, pouco ou em nada alteram o desempenho intelectual, diferente das pessoas que lesionadas no aspecto cerebral. Quando uma pessoa, que tem limitações, é chamada de deficiente, a carga emocional é expressiva, levando a sentir – se menor, incapaz, impossibilitada de realizar algo, mesmo que todos os sentidos estavam em pleno funcionamento.

Mais uma experiência chocante é contada por Iára. Ela foi ao culto em determinada Igreja, ela era a única naquele culto, não por que só exista ela de deficiente na comunidade, mas a sensação descrita é estupefacente: a partir dos hinos – “Oh! Quão cego andei”; “Dá-nos olhos claros que veem o irmão! ” Como se sente o cego que está neste culto? Ou, “mãos que aprenderam dores a aliviar, pés que não hesitam na hora de ajudar”; o sentimento dos tetraplégicos é bastante movimentado. Na hora da oração: “obrigada, Deus, pela saúde, por sermos perfeitos”; o hábito dos grupos de louvores em convidar a igreja para levantar – se para cantar, levantar as mãos para o céu, sem pelo menos fazer uma ressalva, para as demais pessoas, podem ficar confortavelmente; como ainda, no culto da Ceia, em que se manda passar o cálice de mão em mão. E os que não têm mãos ou as têm atrofiadas? Ou ainda, quem segura uma bengala e não pode deixá – la cair? Veja, como a Igreja têm muito que reaprender no relacionamento com essas pessoas!

Elizabeth Costa – Renders (2011) traz a metáfora da Criação para expressar a necessidade que a Igreja tem de incluir pessoas com deficiência em seu meio. Para ela, assim como Deus estabeleceu condições no ambiente para que a vida fosse perpetuada: água, terra, luz, mares; plantas, semente e frutos; animais e seres humanos, todos juntos em convivência, o que se chama de biosfera. De igual modo, para que haja um bem comum entre as pessoas, a Igreja deve criar condições físicas – acessibilidade, ambientação estrutural e condições sociais – relacionamento verdadeiro para com as pessoas deficientes. Elas, que por séculos, têm sido estigmatizadas; hoje muito mais no meio cristão, do que nos demais espaços sociais.

Thiago Brazil (2018) mostra o exemplo do trabalho do Apóstolo Paulo com os irmãos da cidade de Tessalônica, onde o Cristianismo era a marca do amor fraterno. Não fossem as práticas efetivas para efeitos imediatos na vida daquelas pessoas, não teria sentido o Evangelho pregado pelo Apóstolo. De igual modo, o professor precisa encontrar estratégias específicas para a conquista desse grupo social, que durante muitos séculos, é tratado com desprezo.

3.6 Formação de profissionais – a Igreja acolhendo vidas

Mas, um dos grandes entraves para inclusão de pessoas com deficiência na Igreja é a formação de profissionais (professores – intérpretes, ledores, descritores, outros) para que atenda essas pessoas. Primeiro desafio é pela diversidade que contém a Igreja: pessoas com dificuldade motora, visual, de linguagem, intelectual, paralisia cerebral, autismo, síndrome de down e com múltiplas deficiências. Feitosa et al (2015) observa que a formação de profissionais é produzir conhecimento que desencadeie novas atitudes a fim que compreenda a diversidade.

Segundo desafio é que o trabalho do professor para educação inclusiva na Igreja é diferenciado. Ele não tem mantenedor, é um trabalho voluntário. O professor precisa dividir o seu tempo de folga e de descanso, no final de semana, para atuar na Igreja. Terceiro desafio – o professor precisa agenciar a sua própria formação. Quarto desafio está ligado a disponibilidade de mão de obra para este serviço. Quem estará disponível para vencer todas essas barreiras e se dedicar, como se tivesse entregando o seu melhor para Deus?!

Em quinto lugar, por se tratar de ensino, como é o caso da Escola Bíblica, a Igreja também necessita de uma equipe multidisciplinar: pedagogo, psicólogo, assistente social, assim como um nutricionista, para acompanhar os professores e os alunos, com vistas a melhor desempenho. E que esta equipe também precisa ter o conhecimento acadêmico, como o conhecimento bíblico, para orientar, com esmero basilado na Palavra de Deus. César

Carvalho (2016) aconselha os profissionais em educação cristã que utilizem atividades coerentes com os fins, para as quais são propostos, de acordo com a concepção filosófica adotada.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A representação, através das amostras, do pensamento cristão Assembleiano em Itabuna sobre quem conhecia alguém com deficiência na Igreja; concordância ou discordância em ter pessoas com deficiência na Igreja; apontar possíveis causas da ausência de pessoas com deficiência na Igreja; indicar possíveis causas da indiferença dos cristãos com os deficientes; indicar algumas ações que atrairiam o cristão à causa inclusiva compõe a peça de estudo para análise (Bardin, 2011).

A Inclusão de pessoas com deficiência na Igreja foi considerada necessária, por unanimidade, pois que, toda pessoa precisa ouvir sobre o Evangelho para que acredite no plano divino para todos os homens. O Brasil possui cerca de quarenta e cinco milhões de pessoas com alguma limitação (IBGE, 2010), isto deixa a Igreja Evangélica em situação de alerta, pois vinte e seis, ponto dois (26,2%) da população brasileira declarou-se evangélica (IBGE, 2010). Entretanto, nos templos dessas igrejas veem-se pouca ou quase nenhuma pessoa deficiente. Mesmo assim, a Igreja permanece em silêncio, sendo que ela deveria ser o modelo de inclusão, pois que esta é uma das marcas do Cristianismo.

O crente do século XXI perdeu os valores praticados pela Igreja – mãe (Primitiva): o amor ao outro, o cuidado incondicional. A indiferença tem sido a arma mais potente, que exclui a pessoa deficiente de acesso ao templo evangélico. Portanto, é urgência a formulação de um novo olhar atrativo e inclusivo, que deve ser adquirido por esta Igreja.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A amostra representativa dos cristãos pesquisados na Igreja Evangélica Assembleia de Deus na Cidade de Itabuna, na Bahia, considerou que a falta de acolhimento da membresia é atribuída ao preconceito, por acreditar que o deficiente é uma carga e dificulta as ações no templo; falta de amor ao próximo, já que o crente do século XXI não mais conhece este princípio bíblico; a falta de estrutura para acomodação das pessoas; a falta de conhecimento dos líderes sobre inclusão na Igreja. Entretanto, é de urgência a mudança nesse pensamento, que poderá ser reestruturado com uma ação conjunta de seminários, minicursos e ensino sobre valores cristãos.

6. REFERÊNCIAS

ADÃO, Pastor. **Um cego nas mãos de Deus**. Postado em 25 de dezembro de 2017, pelo canal Gospel.
Disponível em: <https://bit.ly/2GkCyJN> Acesso em: 28.11.18

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BIBLIA, Português. BEP – **Bíblia de Estudo Pentecostal – Antigo e Novo Testamento**. Tradução – João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1995.

BRASIL, **Cartilha do Censo 2010 – Pessoas com Deficiência** / Luiza Maria Borges Oliveira / Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR)/ Coordenação-Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência; Brasília : SDH-PR/SNPD, 2012.

BRAZIL, Thiago. **A Igreja do Arrebatamento**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2018.

CARVALHO, César Moisés. **Uma Pedagogia para a Educação Cristã: Noções básicas para o exercício da Ciência da Educação**. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina. **INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: a responsabilidade das Igrejas**. Revista Caminhando V, n° 16, p 65-67, jul / dez, 2011. Acesso em: 26.12.2018
Disponível em: <https://bit.ly/2SnLaE8>

FEITOSA, Daniella Ramos.; BARROSO, Gabrielli Ariose.; PAIVA, Léssia, Lima. **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: um desafio na formação do professor**. GT8 – Espaços Educativos, Currículo e Formação Docente (Saberes e Práticas), 2015.

FERREIRA, Israel Alves. **Igreja, lugar de soluções**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora da Assembleia de Deus, 2005.

FORTIN, M.F. **O Processo de Investigação**. Loures: Lusociência, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HELTON, Thiago. **Uma rampa pela metade**. Acessibilidade na prática, 2014.

Disponível em: <https://bit.ly/2GkD2Q7> Acesso em: 30.11.18

IBGE, **Censo Demográfico 2010** Disponível em: <https://bit.ly/2wuqyyp> Acesso em: 01.12.18

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. Coleção temas sociais.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina: 8ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

Müller, Iára. **Encarando a Deficiência**. São Paulo: Sinodal, 1989.

STADELMANN, Luís I.J. **Deficientes Físicos na Bíblia**. Revista Encontros Teológicos, n° 43. Ano 21, 2006.

PAULI, Adriano Henrique de. **Deficiência e Religiosidade**. Revista Ethnic, n° 13, ano 07-junho de 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2JSRQGR> Acesso em: 08.01.2017.